

# A Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865)\*

KARL MARX

FRIEDRICH ENGELS

## A questão americana na Inglaterra<sup>1</sup>

KARL MARX

*Londres, 18 de setembro de 1861.*

Sejam quais forem suas qualidades intrínsecas, a carta enviada pela sra. Beecher Stowe para lorde Shaftesbury teve o mérito de obrigar os órgãos antinortistas da imprensa londrina a expor para o grande público as pretensas razões de sua hostilidade com o Norte e de suas simpatias mal dissimuladas em relação ao Sul. Notemos de passagem que esta é uma atitude estranha entre pessoas que manifestam horror à escravidão.

A atual guerra americana proporciona um grande tormento para esta imprensa, uma vez que “não se tratando de um conflito para a abolição da escravidão”, não se pode solicitar ao cidadão britânico, alma nobre, obrigado a conduzir suas próprias guerras, a se interessar pelas guerras dos demais povos e, sob o ponto de vista de seus “grandes princípios humanitários”, experimentar a menor simpatia pelos primos do Norte.

O *The Economist* se expressa nos seguintes termos: “Em primeiro lugar, é tanto imprudente quanto falso simular que o conflito entre o Norte e o Sul seja

---

\* Tradução de Muniz Ferreira.

<sup>1</sup> Escrito em 18/09/1861 e publicado pela primeira vez em *New York Daily Tribune*, n. 6403, 11/10/1861, republicado em *New York Semi-Weekly Tribune*, n.1710 de 15/10/1861.

uma disputa pela liberdade de negros de um lado, e pela escravidão dos negros do outro lado”. A *Saturday Review* declara: “[o Norte] não proclama a abolição e jamais pretendeu lutar contra a escravidão. O Norte jamais inscreveu em suas bandeiras o símbolo sagrado da justiça para com os negros. Seu grito de guerra não é a abolição incondicional da escravidão”. Por fim, o *Examiner* escreve: “Se nós nos equivocamos acerca da significação real deste movimento sublime, quem serão os responsáveis senão os próprios federalistas?”.

É de bom grado reconhecer que, no primeiro caso, o ponto de partida é correto. De fato, a guerra não se iniciou com o objetivo de abolir a escravidão, e o governo dos Estados Unidos causou a si mesmo este grande mal, por haver rejeitado qualquer ideia deste gênero. Mais ainda, é necessário lembrar que o Sul começou esta guerra, o Norte apenas se defendeu. Com efeito, só depois de longas hesitações e de manifestar uma paciência sem igual nos anais da história da Europa, o Norte desembainhou a espada, não para acabar com a escravidão, mas para preservar a União. O Sul, por sua parte, iniciou a guerra proclamando em altos brados que a “instituição particular” era o primeiro e único objetivo da rebelião, embora confessasse, ao mesmo tempo, lutar pela liberdade de reduzir outros homens à escravidão, liberdade que, a despeito das negativas do Norte, entende ameaçada pela vitória do Partido Republicano<sup>2</sup> e pela eleição de Lincoln à presidência. O congresso dos confederados se jactava de que a nova Constituição – diferentemente daquela de Washington, Jefferson e Adams – reconheceu, pela primeira vez, a escravidão como algo bom em si e por si, uma salvaguarda da civilização e uma instituição divina. Enquanto o Norte professa combater simplesmente para preservar a União, o Sul se vangloria por estar em rebelião pelo triunfo da escravidão. Mesmo que a Inglaterra antiescravista e idealista não se sinta seduzida pela declaração do Norte, como explicar que não tenha expressado a mais viva repulsa pelas cínicas confissões do Sul?

2 O Partido Republicano foi fundado em resposta às usurpações praticadas pela oligarquia escravista. Ele representava os interesses da burguesia industrial do Norte e gozava do apoio da população trabalhadora. Para eliminar o poderio político e social dos escravistas, ele tratava de limitar a escravidão às dimensões então existentes, buscando eliminá-la progressivamente. No que se refere às terras até então não colonizadas do Oeste, ele decidiu por sua atribuição gratuita aos agricultores livres. O partido *Whig* (liberal) desaparecia pouco a pouco, na sequência das eleições de 1852, deixando o campo perigosamente aberto à expansão do Partido Democrata, pró-escravista. A revogação do acordo do Missouri, em 1854, tornava este perigo ainda mais evidente. Enormes manifestações de protesto contra a ação do Congresso aconteciam de um lado a outro do Norte. Como consequência, o Partido Republicano realizou a sua primeira convenção em Jackson, no Michigan, em 6 de julho de 1854. Ele se desenvolveu rapidamente em escala nacional, na sequência dos acontecimentos do Kansas (1854-1856), agravados pela indignação suscitada no Norte pelo *Manifesto de Ostende* (1854). Em 1856, o novo partido participou de sua primeira campanha presidencial com Frémont encabeçando a lista. Quatro anos depois, conquistou a eleição de Lincoln com a palavra de ordem “Liberdade de expressão, liberdade de acesso à terra, liberdade do trabalho, liberdade humana”.

A *Saturday Review* se desembaraça desse dilema cruel recusando-se, pura e simplesmente, a acreditar nas declarações dos estados sulistas. Vai ainda mais longe e descobre “que a escravidão não tem grande coisa a ver com a secessão”; quanto às declarações contrárias de Jefferson Davis e companhia, não são mais do que “banalidades” mais ou menos destituídas de sentido, como costumam ser as proclamações “quando o que está em questão são altares violados e habitações desonradas”.

O arsenal de argumentação dos jornais antinortistas é extremamente reduzido e nota-se que as mesmas frases são, de alguma forma, retomadas, como nas fórmulas de uma série matemática, que retornam em intervalos regulares com poucas variações ou combinações.

O *The Economist* exclama:

Ainda ontem, quando o movimento de secessão começou a adquirir um aspecto sério, por ocasião do anúncio da eleição do senhor Lincoln, o Norte ofereceu ao Sul, caso este quisesse permanecer na União, todas as garantias possíveis para que continuasse a funcionar na inviolabilidade suas detestáveis instituições. O Norte não proclamou solenemente que renunciava a se imiscuir em seus assuntos, ao passo que os dirigentes nortistas propunham ao Congresso compromisso atrás de compromisso, baseados todos na concessão segundo a qual eles não se envolveriam com a questão da escravidão.

Como é possível, afirma o *The Examiner*, que o Norte tenha se prestado a estabelecer tais compromissos e realizar concessões tão elevadas sobre o tema da escravidão? Como se chegou ao ponto de propor ao Congresso uma zona geográfica no interior da qual a escravidão deveria ser reconhecida como uma instituição necessária? Os estados sulistas não se satisfizeram com isto.

O *The Economist* e o *The Examiner* deveriam questionar por que o compromisso *Crittenden* e outras medidas do tipo não foram aprovados pelo Congresso e não por que foram apresentados. Alegam falsamente que o Norte aceitou essas propostas e o Sul as rejeitou, quando, na verdade, elas foram condenadas ao fracasso pelo partido do Norte, que assim assegurou a eleição de Lincoln. Essas propostas jamais se transformaram em resoluções, permanecendo, de fato, no estado de desejos piedosos, por isto, o Sul jamais teve a oportunidade de aceitá-los ou rejeitá-los. A observação seguinte do *The Examiner* nos conduz ao coração da questão.

A sra. Stowe disse que o partido escravista decidiu acabar com a União ao constatar que não poderia mais utilizá-la para seus propósitos. Admite assim que, até então, o partido escravista utilizara a União para tais fins, no entanto seria bom que a senhora Stowe demonstrasse claramente quando o Norte começou a se opor à escravidão.

Seria de se esperar que o *The Examiner* e outros oráculos da opinião pública inglesa tivesse familiaridade suficiente com a história contemporânea a ponto de não precisar recorrer às informações da sra. Stowe acerca de assuntos de tão grande importância. A usurpação crescente da União pelos poderes escravistas atuando em aliança com o partido democrata do Norte<sup>3</sup> é, por assim dizer, a fórmula geral da história dos Estados Unidos desde o início deste século. As sucessivas medidas de compromisso correspondem também a sucessivos graus de usurpação através dos quais a União foi se transformando, sistematicamente, em uma espécie de serva dos proprietários de escravos do Sul. Cada um desses compromissos significa uma nova usurpação pelo Sul e uma nova concessão do Norte.

Da mesma maneira, nenhuma das sucessivas vitórias do Sul foi obtida sem um intenso enfrentamento com uma força adversa no Norte, que se apresentava sob vários nomes de partido, com múltiplas palavras de ordem e todo tipo de coloração. Se o resultado efetivo e final de cada um desses combates singulares favoreceu o Sul, um observador atento não poderia deixar de perceber que cada novo avanço da potência escravista era um passo a mais na direção de sua derrota final. Mesmo na época do compromisso do Missouri, as forças em confrontação se equilibravam de maneira tão estrita que Jefferson temia, como se pode ler em suas memórias, que a União estivesse ameaçada de desagregação ao cabo deste antagonismo fatal.

As pretensões dos poderes escravistas não paravam de aumentar, enquanto a lei Kansas-Nebraska destruía, pela primeira vez na história dos EUA – como o próprio senhor Douglas reconheceu –, todas as barreiras legais à extensão da escravidão no território do país, ao mesmo tempo que um candidato nortista comprava sua indicação presidencial prometendo a aquisição de Cuba pela União para transformá-la em um novo campo para a dominação dos escravistas, enquanto na sequência da decisão sobre Dred Scott se proclamava que a extensão da escravidão pelo poder federal se inscrevia na Constituição americana, enquanto, por fim, o comércio de escravos era retomado *de facto* em uma escala mais vasta do que a da época de sua existência legal.

Concomitantemente a essas manifestações de debilidade culposa do Partido Democrata do Norte ante as piores usurpações do Sul, havia sinais inegáveis de que os poderes do Norte se reforçavam de modo a reverter, em pouco tempo, a correlação de forças em seu favor. A guerra do Kansas, a formação do Partido Republicano e a grande quantidade de votos obtidos pelo sr. Frémont na eleição presidencial de 1856 eram provas palpáveis de que o Norte acumulava energia

3 O Partido Democrata, fundado em 1828, reunia agricultores, alguns grupos da burguesia, bem como uma parte considerável de agricultores e pequenos burgueses das cidades. Durante as décadas de 1830 e 1840, passou a representar os interesses dos agricultores (latifundiários) e da grande burguesia financeira do Norte, defensores da escravidão. Após a adoção da Lei Kansas-Nebraska de 1854, a escravidão ameaçava submergir toda a União e terminou por provocar uma cisão no interior do Partido Democrata, possibilitando a vitória de Lincoln em 1860.

suficiente para retificar as aberrações que caracterizaram a história dos Estados Unidos durante o meio século em que esteve sob o poder dos senhores de escravos, restabelecendo os verdadeiros princípios de seu desenvolvimento.

Para além desses fenômenos políticos, um eloquente dado estatístico e econômico indicava que o abuso da União federal pelos interesses escravistas deveria retroceder de bom grado ou pela força: o crescimento do Noroeste, os imensos esforços realizados por sua população no período 1850-1860, e a nova e revigorante influência que trouxe para os destinos dos EUA.

Tudo isto, por acaso, representa um capítulo secreto na história? Foi necessária a “confissão” da sra. Beecher Stowe para revelar ao *The Examiner* e a outros luminares políticos da imprensa londrina a verdade meticulosamente oculta de que “até aqui o partido escravista tem usado a União para a realização de seus propósitos”? É culpa dos norte-americanos que os homens de imprensa britânicos tenham sido surpreendidos pelo violento choque de forças antagônicas, cujo confronto tem sido a força motriz da história ao longo de meio século? É culpa dos americanos que a imprensa inglesa, ludibriada por suas próprias elucubrações fantasiosas, tenha sido confrontada, em um único dia, com o resultado maduro de longos anos de lutas? O simples fato de que a formação e o desenvolvimento do Partido Republicano mal tenham sido registrados pela imprensa londrina é evidência de que suas bravatas contra a escravidão não passavam de moinhos de vento.

Consideremos, por exemplo, os dois antípodas da imprensa londrina, o *Times* de Londres e o *Reynold's Weekly Newspaper*, o maior órgão das classes respeitáveis e o único órgão da classe operária que ainda subsiste atualmente. O primeiro deles, pouco antes que o sr. Buchanan encerrasse sua carreira, publicou uma apologia detalhada de sua administração e um libelo difamatório contra o movimento republicano. O *Reynold's*, por sua vez, durante a visita que Buchanan fez a Londres, fez dele o seu alvo favorito e desde então não perde uma única oportunidade de submetê-lo a julgamento e denunciá-lo como adversário.

Como explicar a vitória do Partido Republicano no Norte, cujo programa se baseava na oposição aberta às usurpações praticadas pelo sistema escravista e à transformação da União em instrumento dos defensores da escravidão? Mais do que isto, como foi possível que a grande maioria do Partido Democrático do Norte tenha se desembaraçado de suas ligações tradicionais com os líderes da escravidão, passando por cima de meio século de velhas tradições, e sacrificasse grandes interesses comerciais e preconceitos políticos, acorrendo em defesa da atual administração republicana, a ponto de lhe oferecer dinheiro e homens com generosidade?

Em vez de responder a essas indagações, o *The Economist* proclama:

Podemos, por acaso, nos esquecer que os abolicionistas são habitualmente mais ferozmente perseguidos e maltratados no Norte e no Oeste do que no Sul? Alguém

pode negar que a teimosia e a indiferença – para não dizer a má-fé – do governo de Washington tem sido, ao longo dos anos, o principal obstáculo aos esforços para suprimir efetivamente o comércio de escravos na costa africana; que uma parte considerável das embarcações efetivamente envolvidas naquele comércio foram construídas com capital do Norte, sejam exploradas por comerciantes do Norte e pilotadas por marinheiros nortistas?

Eis aqui, na verdade, uma obra-prima de lógica. A Inglaterra antiescravista não pode simpatizar com um Norte em processo de ruptura com a influência nefanda da escravatura porque não pode esquecer que o Norte, quando sob aquela influência, apoiou o comércio de escravos, espezinhou os abolicionistas e teve suas instituições democráticas contaminadas pelos preconceitos escravistas. Ela não pode simpatizar com a administração Lincoln porque esta desaprovou a administração Buchanan! Seguindo essa lógica, ela deve esvaziar o movimento de renovação do Norte e encorajar aqueles que, no Norte, são estigmatizados pela plataforma republicana por simpatizarem com o comércio de escravos, ela necessita flertar com a panelinha escravagista do Sul, que edificou um império em separado, isto porque a Inglaterra não pode esquecer que o Norte de ontem não é o de hoje. A necessidade de justificar a sua atitude recorrendo a esse tipo de chicana prova, sem dúvida, que a parcela antinortista da imprensa inglesa é impulsionada por motivações ocultas, demasiadamente baixas e infames para serem abertamente apresentadas.

Uma das manobras favoritas da imprensa inglesa consiste em criticar a atual administração republicana pelas ações de seus predecessores pró-escravistas. Para realizá-la, ela se esforça em tentar convencer o povo inglês de que o *New York Herald* é o único órgão que expressa autenticamente a opinião do Norte. Desde que o *Times* de Londres seguiu nessa direção, o núcleo escravista dos demais órgãos antinortistas, sejam eles grandes ou pequenos, tem enveredado pela mesma via.

Diz o *The Economist*:

No auge da Guerra Civil, não faltaram jornais nem políticos em Nova York para instar os combatentes, agora que existem grandes exércitos em formação, para lutar não uns contra os outros, mas contra a Grã-Bretanha; assim que estabelecerem compromissos em torno de todas as querelas, incluindo a questão da escravidão, invadirão o território britânico sem qualquer aviso e com forças de uma superioridade esmagadora.

O *The Economist* sabe perfeitamente que os esforços do *New York Herald*, vivamente encorajados pelo *Times* de Londres, visam envolver os Estados Unidos em uma guerra contra a Inglaterra com o único objetivo de garantir a vitória da secessão e arruinar o movimento de renascimento do Norte. No entanto, a

imprensa antinortista inglesa faz uma concessão. É a esnobe *Saturday Review* que a anuncia: “O que é questionável na eleição de Lincoln e precipitou a crise é pura e simplesmente a limitação da escravidão aos estados onde ela já existia”. Enquanto o *The Economist* observa:

Com efeito, o objetivo do Partido Republicano, que elegeu o senhor Lincoln, é impedir a extensão da escravidão aos territórios ainda não colonizados [...] Talvez seja verdade que uma vitória completa e incondicional do Norte lhe permita limitar a escravidão aos quinze estados nos quais ela já existe, o que poderá eventualmente levar ao desaparecimento dela, porém, isto é mais uma possibilidade do que uma certeza.

Na época da expedição de John Brown a Harper’s Ferry em 1859, até mesmo o *The Economist* publicou uma série de artigos detalhados a fim de provar que, por força de uma *lei econômica*, a escravidão americana estivesse fadada à extinção gradual a partir do momento em que fosse privada de seu poder de expansão. Essa *lei econômica* foi perfeitamente compreendida pelos escravocratas:

Se dentro de quinze anos, dizia Toombs, nós não nos beneficiarmos de um aumento substantivo do montante de terras destinadas à escravidão, teremos que permitir que os escravos fujam dos brancos, isto se os próprios brancos já não tiverem fugido de seus escravos.

Limitar a escravidão ao território em que esta existe legalmente, tal como proclamavam os republicanos, foi o princípio visível da ameaça de secessão exposta pela primeira vez à Câmara de representantes no dia 19 de dezembro de 1859. O sr. Singleton, representante do Mississippi, indagou ao sr. Curtis, do Iowa, “se o Partido Republicano jamais permitiria ao Sul adquirir um único palmo de terra escrava enquanto este permanecesse na União”. Diante da resposta afirmativa do sr. Curtis, o sr. Singleton retrucou dizendo que, em tais condições, a União seria dissolvida. Singleton então aconselhou a administração do Mississippi a sair o quanto antes da União: “Esses senhores deveriam recordar que Jefferson Davis conduziu nossas forças armadas ao México; ora, ele ainda está vivo e poderia perfeitamente comandar o exército do Sul”.

Abstraindo a *lei econômica*, segundo a qual a extensão da escravidão seria uma condição vital para a sua sobrevivência dentro de seu território legal, os líderes do Sul jamais tiveram qualquer ilusão quanto à necessidade absoluta de preservar a sua hegemonia política nos Estados Unidos. Ao defender suas propostas no Senado, em 19 de fevereiro de 1847, John Calhoun afirmava que “o Senado era a única instância através da qual o Sul poderia garantir o equilíbrio de poder em relação ao governo” e que a formação de novos estados escravistas se

tornara necessária “para conservar o equilíbrio de forças no Senado”.<sup>4</sup> De resto, a oligarquia de 300 mil proprietários de escravos não poderia manter o seu poder sobre a plebe branca sem a miragem de futuras conquistas e ampliação de seus territórios, tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos. Se doravante, de acordo com o oráculo da imprensa inglesa, o Norte toma a firme decisão de circunscrever a escravidão a seus limites atuais, e assim liquidá-la pela via legal, isto não deveria ser suficiente para lhe assegurar as simpatias da Inglaterra antiescravista?

Parece que os puritanos ingleses não se contentam senão com uma guerra abolicionista expressa. O *The Economist* afirma: “Como não se trata verdadeiramente de uma guerra pela emancipação da raça negra, sobre quais bases espera-se que simpatizemos calorosamente com a causa dos federados?”. Houve uma época, diz o *The Examiner*, “na qual nossas simpatias estavam com o Norte, porque pensávamos que ele se opunha seriamente às usurpações dos estados escravistas e defendia a emancipação como uma medida de justiça para a raça negra”. No entanto, nos mesmos números onde negam simpatia ao Norte por não ser esta uma guerra abolicionista, também se pode ler: “O meio radical de proclamar a emancipação dos negros é convocar os escravos para uma insurreição geral”. Ora, este é um tipo de proposta “cuja simples enunciação é repugnante e temível” e diante da qual “um compromisso é, de longe, preferível a um triunfo conquistado a tal preço e maculado por este tipo de crime”.

Como se vê, a ansiedade inglesa por uma guerra revolucionária não passa de hipocrisia, mas podem se vislumbrar as intenções dissimuladas por ela nas seguintes sentenças publicadas no *The Economist*: “Finalmente, a tarifa Morrill merece nossa gratidão e nossa simpatia; mas será que a razão pela qual nós desejamos ardorosamente o seu sucesso é a certeza de que, em caso de vitória do Norte, essa tarifa seria estendida a todo o território da república?”. Já o *The Examiner* diz: “Os americanos do Norte não levam nada mais a sério do que a tarifa aduaneira que os protege de maneira egoísta. Os estados sulistas estão cansados de ter os frutos de seu trabalho escravo roubados pelas tarifas protecionistas do Norte”.

*The Examiner* e *The Economist* completam-se mutuamente. Este último é suficientemente honesto para admitir finalmente que, para ele e seus seguidores, a simpatia é uma simples questão de tarifa aduaneira, o primeiro reduz a guerra entre o Sul e o Norte a um simples conflito tarifário, uma guerra entre o protecionismo e o livre mercado. Talvez o *The Examiner* não esteja informado de que mesmo aqueles que desejavam revogar a lei da Carolina do Sul em 1832 – como demonstrado pelo general Jackson – utilizaram o protecionismo como mero pretexto para a secessão. Entretanto, mesmo *The Examiner* deveria saber que a atual rebelião sequer espera pela aprovação da tarifa Morrill para ser deflagrada. Verdade seja dita, os sulistas não poderiam se queixar de que estavam cansados de ter os pro-

---

4 Cf. C. Calhoun, *Works*. ed. R. K. Crallé. v.IV. Nova York, p.340, 343.



mentos do trabalho de seus escravos subtraídos pela tarifa protecionista do Norte, uma vez que, de 1846 a 1861, esteve em vigor um sistema de livre-comércio.

Em seu último número, *The Spectator* caracteriza o pensamento secreto de certo número de veículos antinortistas da seguinte maneira marcante:

O que desejavam então, verdadeiramente, estes órgãos antinortistas para justificar sua pretensão de não se apoiar em outra coisa senão na lógica inexorável dos fatos? Eles apregoam que a secessão é desejável, pois é a única forma possível de acabar com este “conflito fratricida que não tem razão de ser”. Mas eis que eles descobrem, em seguida, outras razões adaptadas às exigências morais do país, agora que o desenrolar dos eventos é evidente. É lógico que estas razões não são mencionadas, nenhuma reflexão é realizada além de um humilde elogio à Providência e à “justificação dos desígnios divinos em relação ao homem”, no exato momento em que a necessidade inelutável se tornou manifesta aos olhos de todos. Descobre-se então que será uma grande vantagem para os estados serem divididos em dois grupos rivais. Cada qual porá em xeque as ambições do outro e neutralizará sua força. Se a Inglaterra entrar em conflito com um, o simples desafio do grupo adversário lhe será de grande valia. É de se assinalar que se seguirá uma situação extremamente favorável, que nos aliviará da ansiedade e encorajará a “concorrência” política, esta grande salvaguarda da honestidade e da franqueza nas relações entre os estados. Esta é a situação expressamente evidenciada por aqueles que, entre nós, começam a simpatizar com o Sul. Traduzindo em bom inglês – e nós lamentamos que um argumento formulado em inglês tenha necessidade de uma tradução deste tipo –, isto significa que deploramos o grau de magnitude atingido por esta “guerra fratricida”, é espectável que no futuro ela continue a suscitar convulsões terríveis, uma série de pequenas guerras crônicas, de paixões e rivalidades entre os estados. A verdade efetiva – e precisamente este modo nada inglês de sentir oculta esta verdade, ainda que a encobrimo com fórmulas decentes – é que os grupos de estados americanos rivais não poderão conviver em paz e harmonia. As situações de inimizade, decorrentes das próprias causas que geraram o conflito atual, se tornarão crônicas. Tem-se afirmado que os diferentes grupos de estados possuem interesses aduaneiros distintos. Não somente os diferentes interesses tarifários serão a fonte das pequenas guerras permanentes, uma vez que os estados se separarão uns dos outros, mas também a escravidão, raiz de todo o conflito, agravará as inomináveis inimizades, discórdias e manobras. Logo não será mais possível restabelecer o equilíbrio entre os estados rivais. E ainda se afirma que a perspectiva de um longo conflito oferecerá o encaminhamento mais favorável para a solução da grande questão do momento. No fundo, o que se julga como sendo o aspecto mais favorável do vasto conflito atual, que poderá restabelecer uma unidade política nova e mais poderosa, é a possibilidade de um grande número de pequenos conflitos e de um continente dividido e enfraquecido, ao qual a Inglaterra não precise temer. Nós não negamos que os americanos sejam eles mesmos os causadores desta situação lamentável e

deplorável devido à atitude inamistosa e fanfarrona que constantemente adotam em relação à Inglaterra; seja como for, precisamos admitir que nossos próprios sentimentos nesta matéria são vis e desprezíveis. Sabemos que não existe qualquer esperança de uma paz profunda e duradoura nos marcos de uma solução precária, pois ela significaria involução e desagregação da nação americana em povos e países hostis, entretanto levantamos nossos braços aos céus como se estivéssemos horrorizados diante desta guerra “fratricida”, porque ela encerra a perspectiva de uma solução estável. Nós desejamos aos americanos um porvir de inomináveis e incessantes conflitos, que serão igualmente fratricidas e possivelmente ainda mais desmoralizantes: nós o desejamos unicamente para podermos nos ver livres do estorvo representado pela concorrência americana.

### **A destituição de Frémont**

KARL MARX

*Die Presse, 26 de novembro de 1861.*

*Londres, 19 de novembro de 1861.*

A destituição de Frémont do posto de comandante em chefe do Missouri sinaliza uma virada histórica no desenvolvimento da Guerra Civil americana. Frémont tinha dois grandes pecados a expiar. Foi o primeiro candidato do Partido Republicano ao cargo presidencial (1856) e o primeiro general nortista a ameaçar os escravagistas com a emancipação dos escravos (em 30 de agosto de 1861). Ele se mantém, portanto, como um rival dos futuros candidatos à presidência e um obstáculo para aqueles que atualmente se dedicam a estabelecer compromissos.

Uma prática singular tem se desenvolvido nos Estados Unidos ao longo das duas últimas décadas: evitar eleger presidente um homem que tenha ocupado posição decisiva no interior de seu próprio partido. É bem verdade que se tem usado o nome de alguns desses homens no curso das campanhas eleitorais, porém, na hora decisiva, eles são afastados e substituídos por mediocridades desconhecidas, de influência meramente local. Foi assim que Polk, Pierce, Buchanan etc. tornaram-se presidentes. O mesmo em relação a Lincoln. De fato, o general Andrew Jackson foi o último presidente americano que obteve o posto devido à sua importância pessoal, inversamente, todos os seus sucessores obtiveram seus cargos pela insignificância de suas personalidades.

Ao longo do ano eleitoral de 1860, os nomes mais destacados do Partido Republicano eram Frémont e Seward. Conhecido por suas aventuras durante a guerra do México, sua audaciosa expedição à Califórnia e sua candidatura de 1856, Frémont era um personagem demasiadamente representativo para ser levado em consideração se o objetivo fosse conquistar a presidência e não apenas realizar agitação republicana. Eis por que ele não se tornou candidato.

Situação diferente ocorreu a Seward, senador republicano no Congresso em Washington, governador do estado de Nova York e, desde a ascensão do Partido

republicano, inquestionavelmente seu principal orador: foi necessária uma série de derrotas mortificantes para induzir o sr. Seward a renunciar a sua candidatura e oferecer o patrocínio de sua retórica ao então, mais ou menos desconhecido, Abraham Lincoln. Ao perceber o fracasso de sua candidatura, impôs-se, como um Richelieu republicano, a um homem que considerava uma espécie de Luís XIII republicano. Dessa forma, ele contribuiu para tornar Lincoln presidente, com a condição de que o nomeasse secretário de Estado, atribuição comparável, em certa medida, à de um primeiro-ministro inglês. De fato, tão logo Lincoln se elegeu presidente garantiu a Seward a secretaria de Estado. Imediatamente verificou-se uma mudança singular na atitude do Demóstenes do Partido Republicano, na medida em que ele profetizara “um conflito inevitável” entre o sistema de trabalho livre e a escravidão.

Apesar de eleito em 6 de novembro de 1860, Lincoln só tomou posse em 4 de março de 1861. Nesse intervalo, durante a sessão de inverno do Congresso, Seward se tornou a figura central de todas as tentativas de compromisso. Os jornais sulistas do Norte, por exemplo, o *The New York Herald*, que tinha exatamente em Seward o seu pesadelo, passaram, repentinamente, a exaltá-lo como o estadista da reconciliação, asseverando que não seria por sua culpa que a paz a qualquer preço não fora alcançada. Seward, manifestamente, usava a Secretaria de Estado como trampolim, preocupando-se menos com o “conflito inevitável” do que com a futura presidência. Ele comprovou, uma vez mais, que os virtuosos da boca para fora são estadistas perigosos, nos quais não se pode confiar. Leiam seus despachos ministeriais! Trata-se de uma mistura repulsiva de grande palavras e pequenas ideias, de força aparente e fraqueza real.

Contudo, para Seward, Frémont era o perigoso rival que deveria ser destruído; um empreendimento aparentemente muito fácil, uma vez que Lincoln, em conformidade com seus hábitos de advogado, era avesso à genialidade, apegava-se ansiosamente à letra da Constituição e abstinha-se de qualquer iniciativa desagradável para os “leais” escravocratas dos estados fronteiriços. O caráter de Frémont oferece outro pretexto. Ele é claramente um homem de paixão, um tanto hiperbólico e pomposo, a quem não falta um toque melodramático. Primeiro, o governo tentou levá-lo a demitir-se, utilizando toda uma sucessão de pequenas chicanas. Como esse método não funcionou, privaram-lhe do comando no exato momento em que o exército, organizado por ele, encontrava-se frente a frente com o inimigo, no sudoeste do Missouri, onde se preparava para travar uma batalha decisiva.

Frémont é o ídolo dos estados do Noroeste, que o celebram como um desbravador (*pathfinder*). Eles consideraram a sua destituição como uma injúria pessoal. Caso o governo da União amargue outros reveses, como aqueles de Bull Run e Balls Bluff, ele concederá a John Frémont a oportunidade de chefiar a oposição, que então se erguerá e esmagará o atual sistema diplomático de condução da guerra. Nós retornaremos mais tarde às acusações publicadas pelo Ministério da Guerra em Washington contra o general destituído.

## A imprensa inglesa e a queda de New Orleans

KARL MARX

*Die Presse, de 20 de maio de 1862.  
Londres, 16 de maio de 1862.*

Desde os primeiros rumores sobre a queda de New Orleans, o *The Times*, o *The Herald*, o *The Standart*, o *The Morning Post*, o *The Daily Telegraph* e outros jornais ingleses simpatizantes dos esfoladores de negros do Sul têm demonstrado – através de argumentos estratégicos, táticos, filológicos, exegéticos, políticos e morais violentamente esgrimidos – que tais rumores não passam de mais um dos numerosos balões de ensaio que agências como Reuters, Havas e Wolff costumam soltar periodicamente. Eles afirmam que os meios naturais de defesa de New Orleans foram reforçados não somente através de novas fortificações, mas também com toda a sorte de engenhos submarinos infernais e canhoneiras blindadas. De passagem, eles acentuam o espírito espartano da população de New Orleans e seu ódio mortal pelos mercenários a soldo de Lincoln.

Finalmente, não foi em New Orleans que a Inglaterra sofreu a derrota que conduziu a um fim ignominioso sua segunda guerra contra os Estados Unidos (1812-1814)? Consequentemente, não existem razões para duvidar de que New Orleans ainda poderá se immortalizar como uma segunda Saragoça ou Moscou do Sul.<sup>5</sup> Além disso, ela tem armazenados 15 mil fardos de algodão, com os quais poderia facilmente acender um fogo autodestrutivo inextinguível, para além do fato de que, em 1814, os fardos de algodão umedecidos devidamente mostraram-se mais resistentes ao fogo de artilharia do que as fortificações de Sebastopol. Portanto, fica claro como a luz do dia que a queda de New Orleans não passa de um belo exemplo de fanfarronada ianque.

Quando os primeiros rumores foram confirmados dois dias depois com a chegada das embarcações a vapor a Nova York, o grosso da imprensa pró-escravista da Inglaterra permaneceu cética. *The Evening Standard*, particularmente, estava tão seguro acerca do que se passava que publicou em um mesmo número um editorial em que procurava demonstrar, preto no branco, que New Orleans era inexpugnável, e outro (editorial) em que ao mesmo tempo anunciava, em letras garrafais, a queda daquela cidade.

O *Times*, por sua vez, que tem na discrição a melhor manifestação de sua coragem, efetuou uma guinada. Ele ainda duvidava da notícia, porém se dizia

---

<sup>5</sup> Marx faz alusão às lutas de libertação do povo espanhol contra as forças napoleônicas. Saragoça foi posta sob cerco duas vezes (nos meses de julho e agosto, mais tarde em dezembro de 1808) por forças francesas numericamente superiores, mas só capitulou em fevereiro de 1809. No que concerne a Moscou, Marx alude ao incêndio da capital russa em setembro de 1812.

preparado para qualquer eventualidade, uma vez que New Orleans seria uma cidade de bandidos e não de heróis. Dessa vez ele tinha razão. New Orleans é o depósito da escória da boemia francesa, no verdadeiro sentido da expressão, uma colônia penitenciária francesa e jamais, ao longo do tempo, renegou suas origens. Foi o *Times* que demorou um certo tempo para se aperceber desse fato tão amplamente conhecido.

No fim das contas, o fato consumado se impôs até ao mais obstinado São Tomé. Que fazer então? A imprensa pró-escravista inglesa agora se dedica a demonstrar que a queda de New Orleans é uma vantagem para os confederados do Sul e uma derrota para os partidários da União.

A queda de New Orleans permitiu ao general Lovell reforçar o exército de Beauregard com as suas tropas, este último realmente necessitava de reforços, uma vez que se dizia (com algum exagero) que Halleck havia concentrado contra ele 160 mil homens. Por outro lado, o general Mitchel havia cortado os contatos de Beauregard com o leste ao interromper as comunicações ferroviárias entre Menfis e Chattanooga, ou seja, a linha que conduzia a Richmond, Charleston e Savannah.<sup>6</sup> Depois desse corte de comunicações (que nós havíamos indicado como movimento estratégico previsível muito antes da batalha de Corinto), Beauregard deixou de dispor de comunicação ferroviária com Corinto, a não ser aquela que conduz a Mobile e a New Orleans.

Após a queda de New Orleans, ele dispunha apenas da linha de Mobile, embora não pudesse mais abastecer satisfatoriamente suas tropas, e precisou recuar para Tupello. Porém, nas palavras da imprensa escravocrata inglesa, sua capacidade de abastecimento se aperfeiçoou por causa de sua junção com as tropas de Lovell! Por outro lado, aqueles oráculos observavam que a febre amarela fustigaria os federalistas em Nova Orleans e que, por fim, se a cidade não era Moscou, seu prefeito poderia muito bem ser Brutus. Basta ler sua epístola melodramaticamente corajosa para o comandante Farragut. “Palavras nobres, meu senhor, palavras belas e nobres!<sup>7</sup> Porém as palavras, por mais duras que sejam, não arrebentam ossos!”

E, no entanto, no que concerne à queda de Nova Orleans, a imprensa dos escravagistas do Sul dos EUA não é tão otimista quanto os seus consoladores ingleses. O *Richmond Dispatch* publica:

O que aconteceu com nossas canhoneiras blindadas, Mississippi e Louisiana, das quais nós esperávamos a salvação da cidade da meia-lua (New Orleans)? A julgar pelo efeito que exerceram sobre o adversário, foi como se fossem feitas de vidro. É inútil negar que a captura de Nova Orleans é para nós um golpe muito duro. O

6 No início de abril, o general Mitchell ocupou Huntsville, localizada a meio caminho entre Chattanooga e Corinto.

7 Citação de Shakespeare, *Henrique IV*, parte I, ato V, cena 4.

governo confederado encontra-se agora sem ligações com a Louisiana ocidental, Texas, Missouri e Arkansas.

O *Norfolk Day Book* observa: “Foi o nosso mais sério revés desde o início da guerra. Ele augura privações e necessidades para todas as classes da sociedade e, o que é pior, ameaça o abastecimento de nosso exército”.

*The Atlantic Intelligencer* lamenta:

Nós esperávamos um resultado diferente. O avanço do inimigo não se processou por intermédio de um ataque surpresa; ele estava previsto há muito tempo. Haviam nos prometido que, se o adversário passasse diante de Forte Jackson, uma artilharia terrível o obrigaria a se retirar ou então provocaria a sua destruição. Durante todo este tempo nos iludimos, como em todos os momentos em que confiamos que as fortificações seriam capazes de garantir a segurança de uma vila ou cidade. Parece que as invenções modernas destruíram a capacidade defensiva das fortificações. Receamos que Memphis venha a compartilhar o destino de New Orleans. Será que não é insensato nos iludirmos com esperanças?

Finalmente, o *Peterburg Express* publica: “a tomada de New Orleans pelos federados é o acontecimento mais extraordinário e mais fatal de toda a guerra”.

## **A Guerra Civil americana e os navios encouraçados e blindados**

FRIEDRICH ENGELS

*Die Presse*, 3 de julho de 1862.

Há cerca de três meses e meio – em 8 de março de 1862 – a batalha naval entre o Merrimac e as fragatas Cumberland e Congress em Hampton Roads encerrou a longa era das belonaves de madeira. Em 9 de março de 1862, a batalha naval entre o Merrimac e o Monitor, travada nas mesmas águas, inaugurou a era das embarcações encouraçadas.

Já faz algum tempo que o Congresso em Washington tem destinado importantes somas para a construção de diferentes navios encouraçados e à construção das grandes canhoneiras blindadas do sr. Stevens (de Hoboken, perto de Nova York). Além disto, o sr. Ericsson encontra-se em vias de concluir a construção de seis navios, concebidos segundo o plano do Monitor, porém bem maiores e providos de duas torres móveis, cada uma flanqueada por dois grandes canhões. O Galena, um segundo encouraçado, foi construído em outro arsenal, seguindo um novo modelo. Ele acaba de ser concluído e escoltará o Monitor, primeiro para monitorar o Merrimac, depois para limpar a margem do rio James dos fortes rebeldes. Esta tarefa já está sendo realizada a uma distância de até sete a oito milhas de Richmond. O terceiro encouraçado a cumprir missões no rio James é

o Bengaluche, cuja denominação original era Stevens, em homenagem ao seu inventor e primeiro proprietário.

Um quarto encouraçado, o New Ironsides, está sendo contruído e deve ganhar o mar em algumas semanas. O Vanderbilt e outro grande vapor foram transformados em navios blindados; diversas outras belonaves de madeira, como o Roanoke, ressuscitarão com uma blindagem. O governo da União ainda mandou construir quatro ou cinco canhoneiros em Ohio, que prestaram bons serviços nas proximidades de Fort Henry, Fort Donelson e Pittsburg Landing. Por fim, o coronel Elet e alguns de seus amigos especializaram-se na colocação de blindagens. Em Cincinnati e em diferentes pontos de Ohio, reformaram antigos vapores e revestiram suas proas com blindagem. Eles não foram equipados com canhões, mas guarnecidos com atiradores de elite, tão numerosos no Oeste. Voltaremos mais tarde a tratar da primeira façanha de armas destes navios blindados improvisados.

De sua parte, os confederados também não estão inativos. Eles iniciaram a construção de novos navios e a remontagem de velhos barcos em Norfolk. Porém, antes que tivessem concluído sua obra, Norfolk caiu nas mãos das tropas da União e todos os seus navios foram destruídos. Em contrapartida, os confederados construíram, em New Orleans, três navios de tonelagem média, blindados com aço; um terceiro encouraçado, de enorme tonelagem e magnificamente armado, encontrava-se em vias de conclusão, quando houve a captura de New Orleans. Se acreditarmos nas palavras dos oficiais da marinha da União, caso a construção deste navio houvesse se concluído, colocaria em grande risco toda a marinha da União, uma vez que o governo de Washington não possuía nada em condições de se opor a este monstro. Seu custo de construção ascendeu a 2 milhões de dólares. Segundo se disse, os próprios rebeldes destruíram a nave.

Como assinalamos anteriormente, as embarcações construídas por Ellet Widder não dispunham de canhões, mas de um grande número de atiradores de elite. Os navios a vapor eram protegidos apenas por uma montagem de madeira e ferro. Possantes motores a vapor e uma proa com uma ponta afiada de carvalho e ferro constituíam o equipamento destas embarcações blindadas. Homens, mulheres e crianças acorreram aos milhares a Menfis para acompanhar, ansiosamente do alto das abruptas margens do Mississippi, a “batalha dos blindados”. Algumas vezes, a multidão distava apenas meia légua inglesa do teatro de operações. A batalha durou apenas uma hora. Enquanto os rebeldes perderam sete navios e cem homens, quarenta dos quais por afogamento, apenas um navio da União saiu seriamente danificado, não houve senão um ferido e nenhum morto do lado nortista.

Com exceção do navio blindado que conseguiu escapar da batalha naval de Menfis, os confederados não possuem mais do que um par de navios encouraçados ou blindados em Mobile. Além destes, dispõem apenas de um punhado de canhoneiras em Vicky, as quais se encontram simultaneamente ameaçadas por Farragut, rio acima, e por Davis, rio abaixo, a frota sulista já se depara com o fim de seus dias.

## Crítica dos assuntos americanos

FRIEDRICH ENGELS E KARL MARX

*Die Presse, 9 de agosto de 1862.  
Londres, 4 de agosto de 1862.*

A crise que atualmente define a situação dos Estados Unidos possui duas causas: uma militar e outra política.

Se a última campanha fosse conduzida conforme um plano estratégico único, o principal exército do Norte teria condições – como explicado anteriormente nesta coluna – de explorar suas vitórias no Kentucky e no Tennessee, abrindo caminho do norte do Alabama até a Geórgia para arrebatar os entroncamentos ferroviários em Decatur, Milledgville etc. Desse modo, as comunicações entre os exércitos secessionistas do Leste e do Oeste teriam sido rompidas, inviabilizando seu apoio recíproco. Em vez disto, o exército do Kentucky marchou para o sul do Mississippi, na direção de New Orleans, fazendo que sua vitória nas imediações de Menfís não produzisse outro resultado senão o de despachar a maior parte das tropas de Beauregard em direção a Richmond, de maneira que os confederados, com um exército melhor e em uma posição superior, confrontassem subitamente McClellan, que não aproveitara a derrota das tropas inimigas em Yorktown e Williamsburg, e, além disto, havia dividido suas forças. O comando militar de McClellan, já analisado por nós, foi por si só suficiente para provocar a ruína do melhor e mais disciplinado exército. Finalmente, o secretário da Guerra, Stanton, cometeu um erro imperdoável. Com o fim de provocar boa impressão no exterior, ele suspendeu o recrutamento militar após a conquista do Tennessee, condenando o exército a um enfraquecimento progressivo justamente quando mais necessitava de reforços para uma ofensiva rápida e decisiva. Apesar dos disparates estratégicos, e não obstante o comando de McClellan, caso o exército se beneficiasse de um afluxo constante de recrutas, a guerra poderia ter sido, senão decidida, pelo menos encaminhada para um final vitorioso. A medida adotada por Stanton foi, porém, ainda mais desastrosa, por ocorrer no exato momento em que o Sul decidiu alistar todos os homens de 18 a 35 anos, apostando tudo em uma única cartada. São esses homens, treinados nesse lapso de tempo, que têm garantido a iniciativa e a vantagem dos confederados em quase toda parte. Eles conseguiram imobilizar Halleck, desalojar Curtis do Arkansas, derrotar McClellan e, sob o comando de Stonewell Jackson, deram o sinal para os ataques de guerrilha que já atingem Ohio.

As causas militares da crise estão, em parte, conectadas com suas causas políticas. Foi a influência do Partido Democrata que elevou um incompetente como McClellan ao posto de comandante em chefe de todas as forças militares do Norte, pois ele era um antigo partidário de Breckinridge. Foi uma atenção obsessiva para com os desejos, vantagens e interesses dos porta-vozes dos estados escravagis-



tas fronteiriços que, em última análise, provocou a ruptura com as questões de princípio da Guerra Civil, privando-a, por assim dizer, de sua alma. Os “leais” proprietários de escravos desses estados fronteiriços fizeram com que as leis sobre escravos fugitivos<sup>8</sup> ditadas pelo Sul fossem preservadas, que as simpatias dos negros pelo Norte fossem reprimidas pela força, que nenhum general ousasse ter sob seu comando uma companhia formada por negros e os enviasse ao campo de batalha e que, por fim, a escravidão, esse calcanhar de Aquiles do Sul, fosse transformada em dura couraça, invulnerável aos golpes. Graças aos escravos, que realizam todo o trabalho produtivo, todos os homens em boas condições físicas podem ser enviados ao campo de batalha!

Nesse momento, em que as ações de secessão se elevam, os porta-vozes dos estados fronteiriços fazem reivindicações ainda maiores. No entanto, como mostra o apelo de Lincoln,<sup>9</sup> que ameaça com uma inundação da maré abolicionista, a situação pode sofrer uma guinada revolucionária. Lincoln sabe aquilo que a Europa ignora: que não foi a apatia ou o recuo sob a pressão da derrota iminente que fizeram seu apelo por 300 mil novos recrutas encontrar uma recepção tão fria. A Nova Inglaterra e o Noroeste, que proporcionaram o contingente principal do exército, estão determinados a empurrar o governo para uma espécie de guerra revolucionária e inscrever na bandeira das listras estreladas o *slogan* de combate, “Abolição da Escravidão!”. Lincoln hesitou e procrastinou medrosamente diante dessa pressão externa, mas ele sabe que já não pode resistir por muito tempo. É o que explica o seu apelo suplicante aos estados fronteiriços para renunciarem voluntariamente à instituição da escravidão sob condições contratuais vantajosas. Ele sabe que apenas a continuidade da escravidão nos estados fronteiriços manteve-a intocada no Sul e impediu o Norte de usar contra ela seu remédio mais radical. Ele se equivoca se imagina que os “leais” senhores de escravos serão convencidos por discursos benevolentes e argumentos racionais. Eles apenas cederão pelo uso da força.

Não assistimos até aqui senão ao primeiro ato da Guerra Civil: a evolução constitucional da guerra. O segundo ato: o desenvolvimento revolucionário é imi-

---

8 Referência à lei adotada pelo Congresso em 1850 que completava a lei de 1793 sobre a extradição de escravos fugitivos. Previa-se que todos os estados tivessem funcionários encarregados de entregar os escravos fugitivos. O governo federal deveria empregar todos os meios à sua disposição para recapturá-los e negava aos escravos o direito de serem julgados por um júri ou de testemunhar em defesa própria. A recompensa por negro capturado e reenviado à escravidão era de dez dólares. A lei previa uma multa de 1 mil dólares e seis meses de prisão para quem se opusesse à sua aplicação. As massas populares se exasperaram e o movimento abolicionista se fortaleceu. A lei se tornou praticamente inaplicável no início da Guerra Civil e foi definitivamente abolida em 1864.

9 Em 12 de julho de 1862 Lincoln propôs aos representantes dos estados fronteiriços no Congresso americano libertar progressivamente os escravos negros após o pagamento de indenização aos escravistas, a fim de, com essa lei, terminar mais rapidamente com a guerra.

nente. Nesse intervalo, durante as primeiras sessões do Congresso, foi decretada uma série de medidas importantes que resumiremos brevemente aqui.

Abstraindo a legislação financeira, assinalamos que o Congresso votou a lei Homestead, pela qual as massas populares do Norte aguardavam em vão durante muito tempo,<sup>10</sup> segundo a qual partes das terras do estado são cedidas gratuitamente a fim de serem cultivadas por colonos naturais do país ou recém-chegados. Ela aboliu a escravidão em Columbia e na capital federal, indenizando os antigos proprietários de escravos.<sup>11</sup> A escravidão foi declarada “impossível para sempre”<sup>12</sup> em todo o território dos Estados Unidos. A lei, sob a qual o estado da Virgínia ocidental foi admitido na União, prescreve a abolição da escravidão gradativamente e declara como livres todas as crianças negras nascidas após o dia 4 de julho de 1863. Essas condições de emancipação progressiva são, em grande medida, inspiradas em uma lei que vigora na Pensilvânia há setenta anos<sup>13</sup> sobre a mesma matéria. Uma quarta lei emancipa todos os escravos dos rebeldes que caíam nas mãos do exército republicano. Outra lei, que está sendo praticada pela primeira vez, prevê que esses negros emancipados sejam organizados militarmente e enviados em campanha contra o Sul. A independência das repúblicas negras da Libéria e do Haiti<sup>14</sup> é reconhecida e um tratado para a abolição do comércio de escravos é finalmente assinado com a Grã-Bretanha.

10 A Homestead Bill, uma das principais medidas adotadas pelo governo Lincoln, foi adotada em 20 de maio de 1862. Previa que qualquer cidadão dos Estados Unidos, ou qualquer pessoa que desejasse se tornar um, poderia obter 160 acres de terra (65 hectares) após pagar uma taxa de dez dólares. A terra se tornaria propriedade plena do agricultor se ele pagasse 1,25 dólar por acre ou se trabalhasse a terra durante cinco anos. Essa iniciativa contribuiu para imprimir um contorno revolucionário à Guerra Civil, ao assegurar a colonização das novas terras pela agricultura livre.

11 Washington fazia parte do distrito de Columbia e a abolição da escravidão na capital federal havia sido uma das principais reivindicações dos elementos antiescravistas da guerra de independência dos anos 1775-1783. A lei de 16 de abril de 1862, sujeita aos termos de compensação, libertou cerca de 3 mil negros. O governo investia trezentos dólares por escravo liberto, perfazendo uma soma total de pouco menos de 1 milhão de dólares.

12 Em junho de 1862, Lincoln declarou que “não existirá mais escravidão nem servidão involuntária em qualquer território que atualmente integra os Estados Unidos, que se constitua no futuro ou seja adquirido [...]”.

13 Em 1779 foi votada uma lei na Pensilvânia para emancipar gradualmente os escravos. Ela previa que nenhuma criança nascida em um estado escravista deveria ser escrava. Os filhos de escravos poderiam, no entanto, servir aos senhores até a idade de 21 anos, após então não se poderia mais exigir deles esse “serviço”.

14 A Libéria foi fundada em 1847 pela Sociedade Americana de Colonização com a finalidade de possibilitar a emigração dos negros livres dos EUA (no mesmo momento em que o governo fazia todos os esforços para acolher os brancos europeus!) naquele país. O Haiti era um estado formalmente independente, onde a República fora instaurada em 1859. Os Estados Unidos (só depois que outras potências o fizeram) estabeleceu relações diplomáticas com as repúblicas negras dos dois países em junho de 1862. Esse gesto teve por objetivo, entre outros, enviar os negros estadunidenses para lá. Os representantes da ala revolucionária dos abolicionistas protestaram energicamente contra a criação, no exterior dos Estados Unidos, de colônias para os negros livres no programa de Lincoln.

Logo, seja qual for o destino desta guerra, já se pode afirmar com segurança que a escravidão negra não sobreviverá por muito tempo a esta Guerra Civil.

### **Mistificações jornalísticas na França – consequências econômicas da guerra**

KARL MARX

*Die Presse, 4 de janeiro de 1862.  
Londres, 31 de dezembro de 1861.*

A crença em milagres parece não se retirar de um lugar senão para se refugiar em outro. Assim, uma vez arrancada da natureza ela logo renasce na política. Pelo menos, esta é a opinião dos jornais parisienses e de seus correspondentes nas agências telegráficas e nas redações.

Os jornais vespertinos de Paris anunciam que Lorde Lyons declarou ao sr. Seward que ele aguardaria até a noite de 20 de dezembro, retornando a Londres caso o governo de Washington se recusasse a entregar os prisioneiros. Entretanto, os jornais parisienses conhecem desde ontem as ações que Lorde Lyons realizou após receber os despachos transmitidos para ele no navio Europa. Até hoje, no entanto, as notícias sobre sua entrada em Nova York ainda não haviam chegado ao continente europeu. *Patrie* e seus associados, no entanto, antes da informação sobre o fato, publicam, na Europa, notícias de acontecimentos que só poderiam ter ocorrido nos Estados Unidos após a chegada do Europa. Manifestamente, o *Patrie* e seus associados acreditam que seus lances de prestidigitação jornalística não carecem de magia.

Um jornal de Londres observa, em um de seus artigos sobre a bolsa de valores, que as invenções parisienses, assim como os artigos provocadores de certos jornais ingleses, não apenas servem às especulações políticas de personalidades governamentais, mas também às especulações bursáteis de personalidades privadas.

O *Economist*, que até aqui tem sido um dos mais ruidosos partidários da guerra, publicou, em seu último número, a carta de um *mercador de Liverpool* e um editorial, no qual o público inglês é prevenido a não subestimar, em hipótese alguma, os perigos de uma guerra contra os Estados Unidos. Com efeito, ao longo de 1861, a Inglaterra importou cerca de 15.380.901 libras esterlinas em cereais, dos quais 6 milhões dos Estados Unidos. A Inglaterra teria mais a sofrer com a impossibilidade de importar o grão americano do que os Estados Unidos com a impossibilidade de vender.

Os Estados Unidos desfrutariam da vantagem da *informação prioritária*. Se eles decidirem pela guerra, os telegramas seriam imediatamente enviados de Washington a San Francisco, e os navios americanos no Oceano Pacífico e no Mar da China iniciariam as operações militares várias semanas antes que a Inglaterra pudesse enviar as informações sobre a guerra à Índia.

Desde o início da Guerra Civil, o comércio dos Estados Unidos com a China e a Austrália diminui em proporções enormes. Porém, nas transações que são ainda realizadas, os carregamentos são pagos com letras de crédito inglesas, em outras palavras, com capital inglês. Inversamente, o comércio da Inglaterra com a Índia, a China e a Austrália tem crescido a cada dia após a interrupção das transações com os Estados Unidos. Os corsários americanos teriam amplas oportunidades para a prática do corso, em contrapartida, os corsários ingleses teriam oportunidades relativamente insignificantes.

Os investimentos de capitais ingleses nos Estados Unidos são maiores do que a totalidade do capital investido na indústria algodoeira da Inglaterra.<sup>15</sup> Já os investimentos de capitais americanos na Inglaterra são praticamente nulos. É verdade que a marinha inglesa eclipsa a estadunidense, porém não mais na mesma proporção que ocorreu na guerra de 1812-1814.

Se naquela época os corsários estadunidenses mostraram-se superiores aos ingleses, o que esperar nos dias de hoje? Um bloqueio efetivo dos portos norte-americanos, principalmente no inverno, está completamente fora de questão. Nas águas interiores entre o Canadá e os Estados Unidos – e a superioridade aqui é decisiva para o desenrolar da guerra terrestre –, os Estados Unidos teriam superioridade absoluta desde o início do conflito.

Em resumo, o *mercador de Liverpool* chega à seguinte conclusão:

Ninguém na Inglaterra se atreveria a recomendar a guerra simplesmente por causa do Algodão. Seria mais barato para nós abastecer todos os distritos algodoeiros por três anos a expensas do estado, do que entrar em guerra com os Estados Unidos em benefício daqueles por um ano.

*Ceterum censeo*<sup>16</sup> que o incidente do Trent não conduzirá a guerra.

15 Desde que a Guerra de Secessão se iniciou, os investimentos ingleses nos Estados Unidos se tornaram consideráveis, notadamente nas estradas de ferro de Nova York a Erie, de Baltimore e Ohio, da Filadélfia e Reading e na Central de Illinois; nas companhias de seguros, como New York Times e American Life, nas sociedades mineradoras como a Pennsylvania Bituminous Coal, Land and Timber e Leigh Coal and Mining; em empresas como Baring Holding no Maine e American Land Company Holding na Virgínia ocidental. É evidente que os capitais ingleses ficaram em maus lençóis no Norte e sequer podiam contar com bases militares e tropas britânicas próximas para lhes “defender”. Eles se tornaram, dada a correlação de forças existente, reféns em poder dos americanos. Eis um exemplo clássico dos efeitos do poder político sobre a economia.

16 A expressão *Ceterum censeo Carthaginem esse delendam* significa: “Considero ainda que Cartago deve ser destruída”. Era através desta fórmula que Catão, o Velho, enfatizava sistematicamente seus discursos no Senado Romano, para destacar seu desejo de uma guerra contra Cartago. Aqui a frase significa simplesmente: “Repito!”.

## Uma reunião operária em Londres

KARL MARX

*Die Presse*, 2 de fevereiro de 1862.  
Londres, 28 de janeiro de 1862.

Como é sabido, a classe operária não se encontra representada no parlamento, não obstante ela representa uma parcela tão preponderante da sociedade que *campesinato* algum ainda conserva a memória de haver ocupado posição semelhante. Mesmo ausente do parlamento, ela não está destituída de influência política. Nenhuma inovação importante, nenhuma iniciativa decisiva têm sido levadas adiante neste país sem *uma pressão exercida de fora*, seja ela realizada em benefício da oposição e contra o governo, seja realizada em prol do governo e contra a oposição. Por pressão exercida de fora, os ingleses entendem as grandes manifestações populares extraparlamentares, as quais, naturalmente, não podem ser organizadas sem a participação ativa da classe operária.

Em sua guerra antijacobina, Pitt soube utilizar as massas contra os liberais. A emancipação católica, a lei da reforma, a abolição das leis cerealíferas, a lei das dez horas, a guerra contra a Rússia, a rejeição da lei sobre a conspiração de Palmerston,<sup>17</sup> cada uma dessas medidas foi fruto de violentas manifestações extraparlamentares, nas quais a classe operária, por vezes artificialmente incitada, outras agindo espontaneamente, representou ou o papel principal, ou de coadjuvante, ou foi apenas o coro, conforme as circunstâncias. Dito isto, a atitude da classe operária inglesa em relação à Guerra Civil americana é particularmente impressionante.

A miséria produzida pela paralisação das fábricas ou pela diminuição das horas de trabalho motivadas pelo bloqueio dos estados escravistas é horrível e aumenta dia a dia entre os operários das regiões manufatureiras do norte da Inglaterra. As outras frações da classe operária não sofrem na mesma proporção, mas padecem severamente graças à repercussão da crise da indústria do algodão sobre os outros ramos da indústria, ou à diminuição das exportações para os Estados Unidos devido à vigência da tarifa Morrill, ou ainda à perda de suas exportações para o Sul em razão do bloqueio. Nessas condições, o tema de uma eventual intervenção inglesa nos Estados Unidos se converteu em assunto relacionado ao pão cotidiano para os operários ingleses. Reforça ainda essa pressão o fato de que os “superiores naturais” dos trabalhadores ingleses não economizam meios para incitar-lhes a cólera contra os Estados Unidos. O único jornal operário até então existente e largamente difundido, o *Rynold's Newspaper*, foi comprado há seis meses pela

17 Em 8 de fevereiro de 1858, diante da demanda do governo francês, que reprovava a Inglaterra por conceder o direito de asilo a “criminosos políticos”, Palmerston apresentou à Câmara um projeto de lei sobre os conspiradores estrangeiros. Em 12 de fevereiro, esse projeto foi rejeitado pelos Comuns.

burguesia para renovar a cada semana, por meio de diatribes, o *ceterum censeo*<sup>18</sup> da intervenção inglesa nos Estados Unidos.

A classe operária, porém, está plenamente consciente de que o governo aguarda apenas um grito de intervenção vindo de baixo, a pressão exercida de fora, para pôr um fim ao bloqueio americano e à miséria inglesa. Em tais condições, a persistência com a qual a classe operária se mantém em silêncio, ou o rompe apenas para elevar sua voz contra a intervenção e a favor dos Estados Unidos, é um fato admirável, uma prova, nova e brilhante, do indestrutível valor das massas operárias inglesas, valor que representa o segredo da grandeza da Inglaterra e que – na linguagem hiperbólica de Mazzini – fez o simples soldado inglês parecer um semideus durante a Guerra da Crimeia e em outras ocasiões.

Para ilustrar a “política” da classe operária, reproduzo aqui o relato de uma grande reunião operária, ocorrida ontem em Marylebone, o mais popular distrito de Londres: O presidente, sr. Steadman, abriu a reunião observando que era necessário adotar uma decisão sobre a recepção que o povo inglês deveria reservar aos srs. Mason e Slidell: “trata-se de considerar se estes senhores fizeram a viagem da América até a Inglaterra para libertar os escravos de suas correntes, ou para forjar novos elos para aquelas correntes”. O sr. Votes:

No momento atual, a classe operária não deve se manter em silêncio. Os dois cavalheiros que atravessaram o Atlântico para vir até aqui são agentes de estados escravistas e tirânicos. Eles estão em rebelião aberta contra a Constituição legal de seu país e vieram aqui para induzir o nosso governo a reconhecer a independência dos estados escravistas. É dever da classe operária manifestar sua opinião neste momento, para que o governo não pense que nós acompanhamos sua política exterior com indiferença. Devemos demonstrar que o dinheiro dedicado pelo povo inglês à emancipação dos escravos não deve ser desperdiçado inutilmente. Se nosso governo houvesse agido honestamente, ele teria apoiado de todo coração os estados do Norte na luta para esmagar esta terrível rebelião.

Após defender detalhadamente os estados do Norte, destacando que: “A violenta tirada do sr. Lovejoy contra a Inglaterra foi provocada pelas calúnias da imprensa inglesa”, o orador propôs a seguinte moção:

Esta assembleia delibera que os agentes rebeldes, Mason e Slidell, que deixaram a América a caminho da Inglaterra, são absolutamente indignos das simpatias morais da classe operária inglesa, uma vez que são senhores de escravos, bem como agentes declarados de uma facção despótica que, neste exato momento, encontra-se em rebelião contra a república dos Estados Unidos e é inimiga jurada dos direitos sociais e políticos da classe operária de todos os países.

---

18 Ver nota 15.

O sr. Whyne defendeu essa moção, porém, disse também que se deveria evitar qualquer insulto pessoal contra Mason e Slidell durante sua estadia na capital inglesa.

O sr. Nichols – autodesignado como um morador “do extremo norte dos Estados Unidos”, e que na verdade fora enviado à reunião pelos srs. Yancey e Mann, na condição de *advocatus diaboli* (advogado do diabo) – protestou contra a moção:

Estou aqui, porque aqui prevalece a liberdade de expressão. Em nosso país, faz três meses que o governo não permite mais a ninguém abrir a boca. A liberdade tem sido esmagada, não apenas no Sul, mas inclusive no Norte. A guerra tem muitos oponentes no Norte, mas eles não se atrevem a falar. Nada menos do que duzentos jornais foram proibidos ou destruídos pelo populacho. Os estados do Sul têm o mesmo direito de romper com o Norte quanto os Estados Unidos tiveram de se separar da Inglaterra.

Não obstante a loquacidade do sr. Nichols, a primeira moção foi aprovada por unanimidade. Mas ele voltou a fazer uso da palavra: “Se os senhores acusam Mason e Slidell de serem escravistas, o mesmo vale para Washington, Jefferson etc.”. O sr. Beales refutou as afirmações de Nichols detalhadamente e propôs uma segunda moção:

Tendo em vista os esforços mal dissimulados do *Times* e outros jornais no sentido de induzir ao erro a opinião pública inglesa acerca dos assuntos americanos, desejando nos envolver, sob diversos pretextos, em uma guerra com milhões de nossos irmãos de sangue, explorar as atuais dificuldades experimentadas pela república para caluniar as instituições democráticas, a presente assembleia considera que é dever muito especial dos operários que não estão representados no Senado da nação declarar suas simpatias para com os Estados Unidos em sua luta gigantesca pela preservação da União, denunciando a escandalosa desonestidade destes advogados do escravismo como são o *Times* e outros jornais aristocráticos do mesmo jaez, externando da maneira mais clara sua oposição à política de intervenção nos assuntos dos Estados Unidos, e seu apoio a uma resolução dos eventuais litígios por comissários ou tribunais de arbitragem escolhidos pelas duas partes; denunciando a política de guerra do jornal dos escroques da bolsa de valores, manifestando nossa mais ardente simpatia pelos esforços dos abolicionistas em prol de uma solução definitiva do problema dos escravos.

Essa moção foi adotada por unanimidade, bem como a proposição final: “Fazer chegar, por intermédio de K. Adams, ao governo americano uma cópia das resoluções adotadas, as quais exprimem os sentimentos e a opinião da classe operária da Inglaterra”.

## Crise na questão escravista

KARL MARX

*Die Presse, 14 de dezembro de 1861.  
Londres, 10 de dezembro de 1861.*

Com toda evidência, os Estados Unidos chegaram à condição crítica com respeito à questão encontrada no fundo de toda a Guerra Civil: a questão da escravidão. O general Frémont foi demitido de suas funções após declarar que os escravos dos rebeldes deveriam ser libertados. Pouco depois, o governo de Washington enviava uma diretiva ao general Sherman, comandante da expedição na Carolina do Sul, que ia mais longe do que a proclamação de Frémont, pois decretava que os escravos fugitivos, mesmo os pertencentes aos escravistas “leais”, deveriam receber o estatuto de assalariados e, em certas circunstâncias, serem armados, restando aos escravistas “leais” o consolo da perspectiva de receberem futuramente uma indenização.

O coronel Cochrane vai ainda mais longe que Frémont e reclama o armamento geral dos escravos como medida de guerra. O secretário da Guerra aprovou oficialmente o “espírito” das proposições de Cochrane.

Entrementes, o secretário do Interior, falando em nome do governo, desautoriza o secretário da Guerra, o qual reitera sua opinião mais energicamente ainda em uma conferência oficial, revelando que incluía tal reivindicação em seu relatório ao Congresso. O sucessor de Frémont no Missouri, o general Halleck, assim como o general Dix na Virgínia oriental, estão caçando os escravos fugitivos em seus acampamentos militares, proibindo-os de reaparecerem, no futuro, próximos das posições ocupadas por seus exércitos. Ao mesmo tempo, o general Wool acolhe de braços abertos o “contrabando”<sup>19</sup> negro no Forte Monroe. Os velhos líderes do Partido Democrata, os senadores Dickinson e Crowell (ex-membros da chamada regência democrata), aprovaram as posições de Cochrane e Cameron, tendo o coronel Jannison ultrapassado todos os seus superiores hierárquicos dirigindo uma ordem do dia às suas tropas, na qual dizia entre outras coisas:

Nenhuma contemporização com os rebeldes e seus simpatizantes. Declarei ao general Frémont que eu teria desembainhado a minha espada caso imaginasse que a escravidão fosse sobreviver a esta luta. O escravos dos rebeldes sempre

---

19 Durante a Guerra Civil americana, os escravos que conseguiam escapar de seus senhores para buscar refúgio junto aos acampamentos militares da União eram chamados de “contrabando negro”. Apesar das ordens do governo de Washington, alguns generais da União recusaram durante os primeiros meses da Guerra de Secessão entregar esses negros a seus antigos proprietários. Como justificativa, afirmavam que aqueles escravos eram propriedade de rebeldes que os utilizavam em atividades militares, por exemplo, na construção de trincheiras, de modo que poderiam ser considerados como “contrabando de guerra”, e não serem devolvidos.



encontrarão proteção neste acampamento e nós iremos defendê-los até o último homem e a última bala. Eu não quero, em meio às minhas tropas, homens que não sejam abolicionistas. Aqui não há lugar para eles, e eu espero que não haja este tipo de gente entre nós, porque cada um sabe que a escravidão é o fundamento, o centro e o vértice desta guerra infernal [...] Caso o governo desaprove a minha maneira de agir, pode retirar minha patente, porém, neste caso, agirei por minha própria iniciativa, mesmo se, no começo, eu não puder contar com mais do que meia dúzia de homens.

A questão da escravidão está sendo resolvida, na prática, nos estados escravistas fronteiriços, notadamente no Missouri e em grau menor no Kentucky. Os escravos estão se dispersando em larga escala. Por exemplo, 50 mil escravos desapareceram do Missouri, uma parte deles fugiu e outra foi enviada pelos escravistas para os estados mais ao sul.

É muito estranho um acontecimento do maior significado não ser mencionado em nenhum jornal inglês. No dia 18 de novembro, delegados de 45 condados da Carolina do Norte reunidos na ilha de Hatteras nomearam um governo provisório, revogaram a declaração de secessão e proclamaram o retorno da Carolina do Norte à União. Os condados da Carolina do Norte representados nesta assembleia foram convocados para eleger os seus representantes junto ao Congresso em Washington.

## Um tratado contra o comércio de escravos

KARL MARX

*Die Presse, 22 de maio de 1862.*

*Londres, 18 de maio de 1862.*

O tratado para a supressão do comércio de escravos, concluído entre a Inglaterra e os Estados Unidos no dia 7 de abril deste ano, em Washington, acaba de ser comunicado à imprensa e publicado *in extenso* pelos jornais americanos.

Os pontos principais desse importante documento são os seguintes: o direito de busca é recíproco, porém, só poderá ser exercido, de ambos os lados, por navios de guerra que tenham obtido, para tal efeito, os plenos poderes especiais de uma das potências contratantes. Periodicamente as potências contratantes compartilharão entre si a lista completa das embarcações de cada marinha sujeitas à inspeção nos termos do tratado. O direito de busca poderá ser exercido apenas contra navios mercantes localizados a duzentas milhas da costa africana, abaixo de 32 graus de latitude norte e num raio de trinta milhas náuticas da costa de Cuba. Os cruzadores americanos não exercerão o direito de busca sobre os navios ingleses, assim como os cruzadores ingleses não o exercerão sobre os navios americanos, em águas territoriais inglesas ou americanas (portanto, num raio de 3 mil milhas náuticas da costa) e diante de portos ou localidades habitadas de potências estrangeiras.

Duas cortes mistas, formadas metade por ingleses e metade por americanos, sediadas em Serra Leoa, Cidade do Cabo e Nova York, terão competência para julgar os navios capturados. No caso da condenação de um navio, sua tripulação será conduzida até a jurisdição da nação sob cuja bandeira estiver navegando, desde que não acarrete um custo exorbitante. Não apenas a tripulação (incluindo o capitão, o piloto etc.), mas também os proprietários da embarcação, quando for o caso, incorrerão nas penalidades previstas na legislação do respectivo país. As compensações (indenizações) aos proprietários dos navios mercantes absolvidos pelas cortes mistas serão pagas no prazo de um ano pela potência sob cuja bandeira navegar o navio de guerra responsável pela captura. Não apenas a presença de negros cativos gera causa legal para a captura de navios, mas também a presença de algemas, correntes e outros instrumentos para a custódia dos negros, além de alimentos, cuja quantidade exceda notoriamente as necessidades da tripulação. Um navio no qual sejam encontrados esses artigos suspeitos terá de provar a sua inocência e, mesmo se absolvido, não poderá exigir indenização.

Os comandantes dos cruzadores que exorbitarem da autoridade conferida por este tratado são passíveis de punição por seu próprio governo. Se o comandante de um cruzador de uma das potências contratantes suspeitar que um navio mercante, quando escoltado por um ou mais navios de guerra da outra potência contratante, tenha negros a bordo ou esteja engajado no comércio de escravos, ou equipado para essa finalidade, deverá comunicar suas suspeitas ao comandante da escolta e visitar, com ele, o navio suspeito, o qual deverá ser conduzido à sede de uma das cortes mistas, caso se enquadre na categoria de embarcação suspeita, prevista no tratado.

Os negros encontrados a bordo de navios condenados serão colocados à disposição do governo sob cujo pavilhão a apreensão for realizada. Eles deverão ser libertados imediatamente e mantidos em liberdade sob a garantia do governo em cujo território se encontrar.

Esse tratado não poderá ser revogado em menos de dez anos. Ele permanecerá em vigor por um ano inteiro após a data de sua revogação por uma das partes contratantes.

Esse tratado anglo-americano, produto da Guerra Civil, desferiu um golpe mortal no comércio de escravos. O efeito se completará com a aprovação de uma lei recentemente apresentada no Congresso pelo senador Sumner, que revoga a lei de 1808 sobre o comércio de escravos no litoral dos Estados Unidos e pune como crime o transporte de escravos de um porto a outro daquele país.<sup>20</sup> Essa lei

20 A lei de 1801 preservava o comércio de escravos nos Estados Unidos, entre os estados escravistas do Sul e o Sudoeste, notadamente no litoral meridional do país. A proibição de importar escravos da África teve como consequência um aumento do comércio de negros escravizados no interior dos Estados Unidos. Estados como Maryland, Virgínia e Carolina do Norte passaram a se dedicar

irá obstruir consideravelmente o comércio entre os estados escravistas fronteiriços que se dedicam à “criação” de negros e os estados “consumidores”.

## **Manifestações abolicionistas na América**

KARL MARX

*Die Presse, 30 de agosto de 1862.*

*Londres, 22 de agosto de 1862.*

Faz algum tempo que chamamos a atenção nesta coluna para o fato de que o presidente Lincoln – em razão de seus escrúpulos jurídicos, seu espírito mediador e constitucionalista, suas origens e ligações com o estado fronteiriço escravagista do Kentucky – tem tido grande dificuldade para escapar do controle dos escravagistas “leais”. Contudo, ao tentar evitar qualquer ruptura aberta com eles, acaba por suscitar um conflito com os elementos mais consequentes no domínio dos princípios, no interior dos partidos do Norte, fazendo com que esses elementos sejam empurrados sistematicamente para o primeiro plano dos acontecimentos. Pode-se considerar como um prólogo desse conflito o discurso proferido por Wendell Phillips em Abington, Massachusetts, por ocasião do aniversário da emancipação dos escravos nas índias ocidentais britânicas.

Juntamente com Garrison e G. Smith, Wendell Phillips é o chefe dos abolicionistas da Nova Inglaterra. Durante trinta anos ininterruptamente e colocando em risco sua própria vida, ele tem sustentado o grito de combate pela emancipação dos escravos, apesar das chacotas da imprensa, dos rugidos de ódio dos capangas remunerados e dos apelos conciliadores de alguns de seus amigos. Seus próprios adversários reconhecem nele um dos grandes oradores do Norte: ele alia uma vontade de ferro a uma energia indomável e uma probidade inquestionável. A edição de hoje do *Times* de Londres – o que poderia caracterizar melhor este magnânimo jornal? – denuncia o discurso de Wendell Phillips em Abington ao governo de Washington, por “abuso” da liberdade de expressão:

É difícil imaginar alguma coisa mais violentamente desmedida. Jamais em tempos de Guerra Civil em nenhum outro país, um homem de espírito sã e apreciador do valor de sua vida e de sua liberdade pronunciou palavras de uma audácia tão insana. Ao ler o discurso é inevitável concluir que o objetivo do orador é forçar o governo a persegui-lo.

---

à criação e reprodução de negros escravizados para vendê-los aos estados que exploravam o trabalho escravo. Esses dispositivos da lei de 1808 foram anulados pelo projeto de lei submetido ao Senado por Sumner em 2 de maio de 1862. O transporte de escravos de um estado para outro era igualmente proibido.

E o *Times*, em detrimento de ou talvez por causa do seu ódio pelo governo da União, parece um tanto inclinado a desempenhar o papel de promotor público.

Na situação atual, o discurso de Wendell Phillips em Abbingdon é mais importante do que um boletim de campanha. Por isto, reproduzirei aqui as passagens mais impressionantes.

O governo luta pela manutenção da escravidão, por esta razão está lutando em vão. Lincoln conduz a guerra como um político. Mesmo neste momento, ele tem mais temor do Kentucky do que do Norte inteiro. Ele confia no Sul. Se alguém pergunta aos negros dos campos de batalha do Sul, se eles se sentem amedrontados pelo dilúvio de ferro e fogo que se abate sobre a terra e faz as árvores em pedaços, ouve a seguinte resposta: “Não, *massa (monsieur)*, sabemos que isto não nos diz respeito!” Os rebeldes poderiam dizer a mesma coisa das bombas de McClellan. Eles sabem que elas não têm por finalidade lhes fazer qualquer mal. Não digo que McClellan seja um traidor, porém que, se ele fosse um traidor, não agiria de maneira diferente. Não temam por Richmond: McClellan não vai tomá-la. Se continuarmos a conduzir a guerra dessa maneira, destituída de princípios, não faremos senão desperdiçar em vão o sangue e o ouro. Melhor seria conceder imediatamente a independência do Sul do que pôr em perigo uma única vida humana em uma guerra fundada sobre a execrável política atual. São necessários 120 mil homens e 1 milhão de dólares por dia para conduzir a guerra nas condições atuais.

Mas vocês não conseguirão se livrar do Sul. Como dizia Jefferson: “Os Estados do Sul seguram o lobo pelas orelhas, mas eles não podem nem prendê-lo e nem soltá-lo”.<sup>21</sup> Da mesma maneira, nós temos um Sul no lugar das orelhas, sem que dele possamos nos apoderar, nem nos desembaraçar. Reconheçam-no amanhã e isto não trará a paz. Durante oitenta anos o Sul tem convivido conosco, temendo-nos metade do tempo, odiando-nos a outra metade, sempre criando problemas e tirando vantagens. Tornando presunçoso pela aceitação de suas reivindicações atuais, não se conteria um só ano no interior de uma linha de fronteira imaginária. Não! No instante em que falássemos de condições de paz, eles proclamariam vitória! Até que a escravidão seja eliminada, não pode haver paz! Enquanto vocês mantiveram estas tartarugas à frente do atual governo, o buraco que vocês abrirem com uma mão terão de fechar com a outra. Permitam que toda a nação endosse as decisões da Câmara de Comércio de Nova York:<sup>22</sup> assim o exército terá motivos reais para se bater em combate. Mesmo se Jefferson Davis tivesse poder, ele não se apoderaria de Washington. Ele sabe muito bem que a bomba que cairia sobre esta Sodoma levantaria o conjunto da nação, fazendo com que o Norte inteiro gritasse com voz

21 “Segurar o lobo pelas orelhas” (*Tenir le loup par les oreilles*), estar numa situação difícil e perigosa. (N. T.)

22 O texto alude a uma resolução da Câmara do Comércio de Nova York, que dizia: “É preferível que morram todos os rebeldes do que só um de nossos soldados”.

de trovão: “Abaixo a escravidão! Abaixo todos aqueles que criam obstáculos ao bem-estar da república!”.

Porém, Jefferson Davis está plenamente satisfeito com os resultados que ele tem obtido. Eles ultrapassam todas as suas expectativas. Se continuar manobrando com sucesso até 4 de março de 1863, a Inglaterra – de forma bastante previsível – reconhecerá a Confederação do Sul [...]

O presidente não colocou em prática a lei sobre os confiscos. Ele pode ser honesto, mas sua honestidade não tem nada a ver com este assunto. Ele não possui visão nem previsão. Durante minha permanência em Washington, pude me aperceber que já fazia três meses que Lincoln havia redigido a proclamação da emancipação geral dos escravos. McClellan o fez adiar tal decisão através da intimidação, ao passo que os representantes do Kentucky lhe impuseram McClellan, em que ele não depositava a menor confiança. Serão necessários muitos anos até que Lincoln aprenda a combinar seus escrúpulos legalistas de advogado com as necessidades inerentes da Guerra Civil. Eis a terrível situação de um governo, e seu mal maior. *Na França uma centena de homens convencidos da justeza de sua causa arrastaram consigo toda uma nação.*<sup>23</sup> *Mas, para que nosso governo possa dar um passo, é necessário que antes 19 milhões de pessoas se ponham em movimento. Ora, ao longo dos anos, estes milhões de seres humanos ouviram a pregação que dizia que a escravidão era uma instituição abençoada por Deus. Com tais prejuízos, que vos amarram o coração e as mãos, vocês pedem ao presidente que os salve dos negros. Se esta teoria estiver correta, somente o despotismo escravagista poderá assegurar uma paz temporária [...]*

Eu conheci Lincoln. Pude avaliá-lo em Washington: trata-se de uma mediocridade de primeira categoria. Ele espera honestamente, como uma boa vassoura, que a nação o tome nas mãos e varra a escravidão embora. No ano passado, não muito longe da tribuna onde estou falando no dia de hoje, disparos de morteiro feitos por conservadores tentaram sufocar minha voz. Qual foi o resultado?

Os filhos daqueles conservadores agora cavam suas próprias sepulturas nos pântanos de Chikahominy. Dissolvam esta União em nome de Deus e substituam-na por uma nova, em cujo frontispício vocês escreverão: Liberdade política para todos os homens da terra. Durante minha permanência em Chicago, solicitei aos juristas

---

23 Wendell Phillips desempenhou na Guerra Civil americana o mesmo papel que um Buonarroti, por exemplo, desempenhou na Revolução Francesa, na defesa das mesmas ideias: “A experiência da Revolução Francesa e mais particularmente os distúrbios e vacilações da Convenção Nacional demonstraram suficientemente, a meu ver, que um povo, cujas opiniões foram formadas sob um regime de desigualdade e despotismo, encontra-se pouco preparado, no início de uma revolução regeneradora, para designar através dos votos os homens encarregados de dirigir e consolidar a revolução. Esta tarefa difícil não pode caber senão aos cidadãos sábios e corajosos. Pode até ser necessário, no início de uma revolução política, até por respeito à soberania efetiva do povo, se ocupar menos de recolher os sufrágios da nação do que fazer que a autoridade suprema caia, da forma menos arbitrária possível, em mãos sábias e decididamente revolucionárias” (Buonarroti, *Conspiration pour L'Égalité dite de Babeuf*. v.I. Éditions Sociales, p.111).

de Illinois que haviam conhecido Lincoln que me dissessem qual tipo de homem ele era. Em vez de me dizer não, a resposta de um deles foi: ele não tem espinha dorsal. Se os americanos queriam eleger um homem absolutamente incapaz de governar e tomar iniciativas, eles tinham a obrigação de eleger Abraham Lincoln. Jamais alguém o ouviu dizer não. Eu perguntei: “McClellan é um homem que diz não?”. O diretor da Estrada de Ferro Central de Chicago, de quem McClellan fora empregado, me respondeu: “Ele é incapaz de tomar uma decisão. Faça uma pergunta para ele, e ele ficará uma hora pensando na resposta. Durante o tempo em que ele esteve ligado à administração da Estrada de Ferro Central, ele jamais decidiu uma única questão controversa.

Estes são os homens que, mais do que todos os outros, têm em suas mãos os destinos da República do Norte! Os homens bem informados sobre a situação do exército garantem que Richmond poderia ter sido tomada cinco vezes, se o come-dorme que se encontra à frente do exército tivesse permitido; mas ele prefere ficar cavando trincheiras nos pântanos de Chickahominy, para abandonar a localidade em seguida, através de suas escarpas enlameadas. Porque teme covardemente os estados escravistas da fronteira, Lincoln mantém este homem em sua posição atual, mas há de chegar o dia em que ele terá que reconhecer que nunca confiou em McClellan... Cultivemos a esperança de que esta guerra vai durar o tempo suficiente para que nos transformemos em homens, então venceremos rapidamente. Deus colocou em nossas mãos o relâmpago da emancipação, para que possamos reduzir esta rebelião a pó.

## **A Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos da América**

KARL MARX

*Der Social-Demokrat, 30 de dezembro de 1864.*

Senhor,

Nós cumprimentamos o povo americano por ocasião de uma vitória por uma larga maioria.

Se a resistência ao poder dos escravistas foi a palavra de ordem moderada de vossa primeira eleição, o grito de guerra de vossa reeleição é: morte à escravidão.

Desde o início da luta titânica que conduz a América, os operários da Europa sentem instintivamente que a sorte de sua classe depende da bandeira estrelada. A luta por territórios que inaugura a terrível epopeia não deveria decidir se a terra virgem de zonas imensas deveria ser fecundada pelo trabalho do imigrante, ou contaminada pelo chicote do feitor de escravos.

Quando uma oligarquia de 300 mil escravistas ousa, pela primeira vez na história do mundo, inscrever a palavra escravidão na bandeira da rebelião armada, quando no mesmo lugar onde, um século antes, a ideia de uma grande república democrática nascia ao mesmo tempo que a primeira declaração dos direitos do

homem<sup>24</sup> – que conjuntamente imprimiram um impulso inicial à revolução europeia do século XVIII, quando neste lugar a contrarrevolução se glorificava, com uma violência sistemática, de reverter “as ideias dominantes da época da formação da velha Constituição” e apresentava “a escravidão como uma instituição benéfica, quiçá a única solução ao grande problema das relações entre o trabalho e o capital”, proclamando cnicamente que o direito de propriedade sobre o homem representava a pedra angular do novo edifício<sup>25</sup> –, então as classes operárias da Europa entenderam imediatamente, antes mesmo que o apoio fanático das classes dominantes europeias à oligarquia confederada houvesse lhes advertido, que a rebelião dos senhores de escravos havia soado o alerta geral da santa cruzada da propriedade contra o trabalho e que, para os homens do trabalho, o combate de gigantes travado do outro lado do Atlântico colocava em jogo não apenas suas esperanças no futuro, mas também suas conquistas do passado. Eis por que eles suportaram os sofrimentos que lhes foram impostos pela crise do algodão<sup>26</sup> e se opuseram com vigor à intervenção em favor do escravismo, que estava sendo preparada pelas classes elevadas e “cultivadas” e, na maior parte da Europa, contribuíram com sua cota de sangue para a boa causa.

Enquanto os trabalhadores, o verdadeiro poder político do Norte, permitiram que a escravidão contaminasse sua própria república, enquanto diante do negro, dominado e vendido sem ser consultado, se glorificavam por desfrutar do privilégio de serem livres para venderem a si mesmos e escolher os seus patrões, eles foram incapazes de combater em prol da verdadeira emancipação do trabalho ou de apoiar a luta emancipadora de seus irmãos europeus.

Os operários da Europa estão convencidos de que, se a guerra de independência americana inaugurou uma nova época de ascensão das classes burguesas, a guerra dos americanos contra a escravidão inaugurou uma nova época de ascensão da classe operária. Eles consideram como o anúncio de uma nova era que a vida tenha designado Abraham Lincoln, o enérgico e corajoso filho da classe trabalhadora, para conduzir o seu país em uma luta sem igual pela libertação de uma raça acorrentada e pela reconstrução do mundo social.

Assinada em nome da Associação Internacional dos Trabalhadores por seu Conselho Central.

24 Em 4 de julho de 1776, os delegados das treze colônias inglesas da América do Norte proclamaram a independência no Congresso da Filadélfia. Eles criaram uma república independente após se separarem da Inglaterra. Ainda que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão corresponda a um grande passo adiante na história – em relação ao regime anterior à revolução burguesa –, ela não constitui uma conquista definitiva, nem mesmo uma verdadeira libertação. Tenha-se em conta o simples fato de que esta declaração permitiu que subsistisse a escravidão de uma parcela considerável da população. Desde *Sobre a questão judaica*, de 1844, Marx a criticava da perspectiva da emancipação total a ser realizada pela revolução socialista.

25 Cf. discurso de Bright em Birmingham em 19/12/1862.

26 Na Inglaterra, nenhuma classe sofreu mais as consequências da crise do algodão do que o proletariado. Cf. por exemplo os artigos de Marx: “A miséria operária na Inglaterra” e “A miséria dos trabalhadores do algodão”, publicados em *Die Presse*, em 27/09/1862 e 04/10/1862.

## Mensagem da Associação Internationale dos Trabalhadores ao presidente Johnson

*The Bee-HiveNewspaper, 20 de maio de 1865.*

### Mensagem D'Associação Internacional dos Trabalhadores Andrew Johnson, Presidente dos Estados Unidos

Senhor,

O demônio da “instituição particular” para cujo reinado o Sul pegou em armas não poderia permitir a seus adeptos se baterem de maneira honrosa em campo aberto. O que se iniciou pela traição não poderia se concluir senão pela ignomínia. Da mesma forma que a guerra de Filipe II em defesa da inquisição suscitou um Gerard, a rebelião pró-escravista de Jefferson Davis produziu um Booth.<sup>27</sup>

Não é nosso propósito buscar palavras de luto e horror, uma vez que os corações de dois mundos estão arrebatados de emoção. Mesmo os sicofantas que, ano após ano, dia após dia, têm realizado um verdadeiro trabalho de Sísifo por assassinar moralmente Abraham Lincoln e a grande república que ele governava, estão neste momento amedrontados por este ímpeto universal de sentimentos populares e rivalizam entre si para atirar flores da retórica sobre sua tumba aberta. Eles finalmente se deram conta de que Lincoln era um homem que não se deixava abater pela adversidade, que não se deixava intoxicar pelo sucesso, que perseguia inflexivelmente seu objetivo elevado, sem jamais comprometer com uma pressa cega sua progressão lenta e ininterrupta, sem jamais se deixar levar pela onda do favor publicado, nem desencorajar pela desaceleração da pulsação popular, temperando suas ações rigorosas com um coração caloroso, iluminando os cenários mais escuros da paixão com o sorriso de seu bom humor e realizando sua obra de gigante com tanta simplicidade e modéstia quanto os soberanos por direito divino se comprazem por fazer pequenas coisas com uma pompa e um esplendor grandiloquentes; em uma palavra, foi um dos poucos seres humanos que conseguiu se tornar grande sem deixar de ser bom. Com efeito, este homem grande e bravo era tão modesto que o mundo não descobriu seu heroísmo senão após ele ter tombado como mártir.

O sr. Seward foi digno de honra ao se tornar, ao lado de um chefe de tamanha envergadura, a segunda vítima dos demônios infernais do escravismo. Não foi ele quem, em uma época de hesitação generalizada, foi suficientemente sábio e corajoso para predizer que o conflito era inevitável? Não demonstrou ele, nos momentos mais sombrios do conflito, possuir um senso romano do dever: não desacreditando jamais da República e sua estrela? Desejamos de todo coração que

---

<sup>27</sup> John Wilkes Booth (1839-1865) assassinou Lincoln em abril de 1865.



ele e seu filho tenham suas saúdes e suas atividades públicas restabelecidas e que recebam suas merecidas homenagens, em menos de noventa dias.<sup>28</sup>

Depois desta terrível Guerra Civil, a qual, por suas vastas dimensões e seu gigantesco teatro de operações, não parece ter durado mais de noventa dias, se comparada às guerras de Cem Anos, de Trinta Anos e de 23 anos que ocorreram no Velho Mundo, é a vós, senhor presidente, que cabe a tarefa de eliminar pela lei o que foi decidido pela espada e de empreender a difícil obra de reconstrução política e de regeneração social.

Um profundo sentimento de sua tarefa formidável irá poupá-lo de qualquer compromisso diante das difíceis tarefas que ainda estão por cumprir. Não esqueça jamais que no início desta nova era da emancipação do trabalho, o povo americano confiou a responsabilidade de sua direção a dois homens do (mundo) do trabalho: Abraham Lincoln e Andrew Johnson.

**Assinado em Londres no dia 13 de maio de 1865 pelo Conselho Geral, em nome da Associação Internacional dos Trabalhadores.**

---

28 Em resposta às ações de guerra da Confederação do Sul, o governo Lincoln convocou, em 15 de abril de 1861, 75 mil voluntários para o serviço militar, acreditando resolver o conflito em três meses. Na verdade, a Guerra de Secessão arrastou-se até 1865.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Exame crítico da teoria da financeirização**

Eleutério F. S. Prado

**Classes sociais e grupos subalternos**

Leandro Galastri

**Gramsci teórico das relações internacionais**

Marcos Vinícius Pansardi

**História crítica das *Obras completas  
de Marx e Engels* (MEGA)**

Thomas Marxhausen

**E. P. Thompson: controvérsias  
e contribuições (Dossiê)**

Antonio Luigi Negro, Nicolás Iñigo Carrera  
e Pedro Benítez Martín

39